

JOÃO EMÍLIO FALCÃO

5 MAR 1988

O discurso e os sapatos

(ANL) p2

O parlamentarismo parece aprovado. É pena que a tendência seja a adoção de um sistema misto em que se mistifica o fato de retirar do Presidente da República a chefia do Governo. O hibridismo sempre é estéril, da mesma forma que o "jeitinho" não passa de falta de atitude. As questões individuais não podem condicionar a Nação e o que devem os constituintes decidir, é qual o melhor sistema de Governo para a nossa realidade.

Como em 64, quando a unidade nacional esteve ameaçada, o parlamentarismo está a surgir como solução conjuntural para a crise de Governo, que se agrava com o afastamento, hoje quase irreversível, entre a Nação e o Estado. O que todos buscam é uma saída para evitar a ruptura institucional, que, desta vez, terá conseqüências trágicas, em face da divisão ideológica e do contestável empobrecimento do povo e da Nação.

Defende-se o parlamentarismo como escapatória, quando se deveria fazê-lo por ser o sistema mais adequado à realidade nacional. O senador Luiz Viana (PMDB-BA), imortal nas letras e no pensamento político nacional, fez, há dias, discurso no Senado que deveria ser lido com atenção por todos os constituintes. Ex-presidencialista, Luiz Viana, como Afonso Arinos, outro imortal pátrio, converteu-se ao parlamentarismo, como aconteceu com Rui Barbosa, que morreu arrependido de

ter mudado o sistema após a queda da monarquia.

O presidencialismo tem sido, entre nós, fonte de ditaduras temporárias. O presidente eleito, seja quem for, por acaso ou não, passa a ser, desde a proclamação, o salvador da Nação, o mais brilhante dos cidadãos. O seu poder é tal que Ernest Hamblösch, com arguta observação e a fina ironia inglesa, chamou-o de "Sua Majestade". "O povo é soberano apenas no dia das eleições (nem isto tem sido desde 60 por causa das indiretas), não passando de escravo no resto do período presidencial.

Em vez de permitir uma absorção institucional das crises, o presidencialismo conduz, quase sempre, ao conflito, à turbulência, facilmente constatável em nossa história republicana. O Presidente, por mais bem intencionado que seja, acaba por se considerar mais popular do que os deuses e dominado pelos que o cercam. É que, como diz o senador Luiz Viana, "raramente deixa de haver um Chalaça para contaminar a corte ou um Gregório para pôr à mostra um mar de lama".

A luta pela aprovação do parlamentarismo tem seus heróis, como Raul Pilla, e documentos imorredouros, com o discurso do senador Luiz Viana. O presidencialismo agonizante já está cuidando de seus museus. Um deles será em Janaúba, MG, onde o atual Presidente da República acaba de largar seus sapatos como recordação eterna.

CORREIO BRAZILIENSE